

RESENHA

FRANÇA, Maurício Aparecido. **Para melhor entender a geopolítica brasileira**. 1 ed. Curitiba: Appris, 135p. 2020.

Autor

Carlos Henrique Arantes de Moraes

O autor da obra em tela, Maurício França, é mestre pela *École Pratique Hautes Etudes* (Paris), escola onde desenvolveu pesquisas sobre a evolução do pensamento geopolítico brasileiro e resolveu formular seu trabalho ao perceber a debilitada divulgação desse pensamento.

Dessa forma, o debate parco a respeito da geopolítica no âmbito nacional suscitou no autor a apresentação de um conjunto de pensadores brasileiros que influenciaram, de certa forma, o modo do Brasil pensar a geopolítica, conduzindo a uma escola brasileira, com unidade e tendência de pensamento.

O livro foi estruturado em três partes, por meio de uma divisão cronológica, permitindo identificar uma evolução na construção da formação dos pensamentos voltados para a geopolítica brasileira, ainda que permaneça uma mesma tendência de pensamento ao longo do tempo. Desse modo, o objetivo descrito pelo autor de servir como fonte de consulta a estudiosos é alcançado.

Ressalta-se que outros pensadores participam da escola geopolítica brasileira, o próprio autor indica isso no seu livro. Inclusive com participações anteriores ao já conhecido no meio geopolítico Everardo Backeuser, como Alexandre de Gusmão, José Bonifácio, Barão do Rio Branco, entre outros.

Ainda na introdução do livro, França evidencia as escolas geopolíticas mais divulgadas no mundo – alemã, francesa e anglo-saxônica –; e a partir dessas

escolas pode-se entender o ambiente mundial e de onde os pensadores nacionais se alimentavam para focar suas obras que tinham como objetivo pensar o Brasil.

Há de se destacar a polêmica discussão acadêmica entre as escolas alemã e francesa [discussão esta que em realidade nunca houve] em torno do determinismo e do possibilismo geopolítico. De fato, os teóricos alemães podem ter sofrido uma má interpretação em seus trabalhos, soma-se a isso a ligação do conceito de “organismo vivo” do Estado com as políticas expansionistas nazistas (GALVÃO e BEZERRIL, 2012). Contudo, não era objetivo do livro debater sobre esse tema complexo.

Para alicerçar a escola geopolítica brasileira, em seu primeiro capítulo – Os Fundadores – destacam-se Everardo Backeuser (1879-1951) e Mário Travassos (1891-1973) como fundadores da escola geopolítica nacional. Ambos viveram num período conturbado da política interna e foram responsáveis pela difusão desse campo de estudo no meio acadêmico no Brasil.

O cenário interno instável das décadas de 1920 e 1930 contribuíram para a sustentação de um pensamento político antifederalista em Backeuser, bastante influenciado por Friedrich Ratzel e Rudolf Kjellén, com a intenção de reduzir o poder das unidades federativas e fortalecer o poder central. Esse receio de que determinadas unidades da Federação se tornassem muito mais fortes que outras era justificado pela possibilidade de ideais separatistas ao longo do território nacional. Essa característica é evidenciada, por exemplo, nas políticas de Getúlio Vargas que enfraqueceram os regionalismos da época em prol do poder central.

Nesse período ainda tivemos um esforço em incentivar a vivificação da fronteira terrestre à Oeste e na interiorização da capital. Essas medidas, segundo Backeuser, tornariam mais proporcionais a divisão do poder e dificultaria, mais uma vez, alguma tentativa de separação territorial.

Já Mário Travassos acrescenta em seu trabalho questões de política externa para a projeção do Brasil como maior país do subcontinente. Para isso, era necessário controlar as bacias hidrográficas de modo a facilitar a rede de transporte.

Nesse período, a Argentina possuía essa capacidade, inclusive com meios ferroviários, o que permitia aos portenhos a liderança regional. Os antagonismos sul-americanos apresentados por Travassos formam as bases ou condições geográficas sobre as quais o Brasil deveria atuar para superar suas adversidades e se portar como um país grande.

As orientações de Travassos no sentido de desenvolver uma rede de transporte o aproximam de sir Halford Mackinder, teórico clássico da geopolítica mundial. Segundo Mackinder (1904), o desenvolvimento da história humana permeou o desenvolvimento dos transportes, desde os cavalos e camelos do período pré-colombiano até as grandes embarcações e ferrovias do período pós colombiano. Portanto, o desenvolvimento das redes de transportes do Brasil para os países sul-americanos possibilitaria um crescimento e capacidade de influência no seu entorno.

Fica evidenciado como esses autores pautaram o pensamento geopolítico nacional no início do século XX, e mais interessante ainda é verificar que seus apontamentos se tornaram realidade décadas depois. A interiorização da capital, a vivificação da fronteira terrestre no Centro-Oeste e a assunção de uma relativa liderança brasileira no seu entorno estratégico. Além disso, até os dias atuais são discutidas parcerias de integração regional considerando os antagonismos travassianos.

Ultrapassada a fase da primeira República, o pensamento geopolítico nacional recebe uma forte influência da Ordem Mundial vigente, a bipolaridade entre capitalistas, liderados por norte-americanos, e comunistas, liderados por soviéticos. Nesse período, o ambiente conflituoso evidenciou os conceitos de segurança nacional, intervenção do Estado, tomada de poder, entre outros, causando reflexos óbvios nos interesses nacionais.

Dessa forma, Golbery do Couto e Silva (1911-1987) pauta seus trabalhos acadêmicos sob a ótica dos objetivos nacionais, capazes de defender os interesses da Nação e garantir seu destino. Sendo assim, surgia a necessidade de se

fundamentar a consecução de uma estratégia que permitiria alcançar os objetivos elencados, inaugurando no Brasil o pensamento de uma geoestratégia global.

Golbery enxergava o Brasil no centro do mundo, prova disso é o seu estudo dos círculos concêntricos, o que indicava as prioridades brasileiras em buscar cooperação e parcerias externas. Além disso, possuía uma visão claramente nacional-desenvolvimentista, que novamente passava por cima dos regionalismos. As inovações tecnológicas e o desenvolvimento de uma malha de transportes integrando todo o Brasil, incluindo a Amazônia, permitiria um crescimento *pari passu* e proporcional em todo o território.

No mesmo sentido, Carlos de Meira Mattos (1913-2007) seguia a cartilha de Golbery, o que fortalece a proposta de uma escola geopolítica nacional, conforme aponta o autor da obra. Contudo, para Meira Mattos o Brasil deveria trilhar uma evolução autônoma na sua capacidade militar, só assim seria capaz de seguir seu próprio caminho.

A aderência do trabalho de Meira Mattos a Ray Cline, este último analista americano de inteligência da *Central Intelligence Agency* (CIA), é marcante. A teoria do Poder Perceptível (CLINE, 1995), criada pelo norte-americano, possui a fundamentação da dominação por meio da superioridade da força e da imposição, em consonância com Meira Mattos e seus incentivos de aumentar o poder militar brasileiro, inclusive com potencial nuclear.

Percebe-se, de forma clara, que ambos os autores – Golbery e Meira Mattos – procuraram projetar o Brasil no concerto das nações. A proposta de incrementar as capacidades brasileiras em cada campo do poder demonstra um olhar realista dos geopolíticos, fundamentado pelo equilíbrio de poder. Destaca-se a insistência de Meira Mattos quanto a urgência do Brasil em potencializar seu campo militar, muito defasado diante de outros setores.

Therezinha de Castro (1930-2000) é outra teórica apresentada no livro. França (2020) consegue exemplificar, mais uma vez, a homogeneidade da escola geopolítica brasileira com essa última autora. Para Castro, na busca de projetar

poder e permitir ao Brasil uma maior autonomia no cenário mundial a grande lacuna era o fator marítimo. De fato, o Brasil possui uma das maiores costas litorâneas e sua dominância no Atlântico Sul não atinge o devido valor pelo seu tamanho territorial.

Therezinha vai além disso, cria a teoria da defrontação, que legitima condições do Brasil pleitear participação na exploração do continente antártico. Não à toa que a base brasileira no continente branco – Comandante Ferraz – possui em seu histórico as apresentações de Therezinha de Castro como incentivadora desse projeto.

O poder marítimo de Mahan (1890) serviu de inspiração para Therezinha de Castro. Na visão da geopolítica brasileira, bem como para Mahan, o mar é um meio de ligação e não de afastamento, permite a descoberta de novos locais com recursos capazes de suprir as necessidades de uma Nação, ou seja, a maritimidade de um Estado oferece inúmeras vantagens no jogo do equilíbrio de poder.

Feito o breve resumo da obra “*Para melhor entender a Geopolítica Brasileira*” (FRANÇA, 2020), fica evidenciado que o autor alcançou seu objetivo de se apresentar como rápida referência e descortinar o assunto para iniciantes do tema.

O entendimento de geopolítica é muito caro para os objetivos de nação. Negligenciar o que a geografia pode oferecer ou limitar na projeção de poder de um Estado é conduzir um povo ao fracasso. Sendo assim, a escola geopolítica brasileira deve ser reverenciada, como fez o autor da referida obra.

Por fim, a obra de Maurício França apresenta os principais pensadores brasileiros que fundamentaram suas conclusões sobre a escola geopolítica brasileira e que demonstram a capacidade do pensamento geopolítico brasileiro de projetar poder ao longo do século passado, permitindo um melhor entendimento de como chegamos na atual conjuntura. Há de se ressaltar que para os geopolíticos, o poder é o principal instrumento de competição entre os Estados e a geopolítica define como as bases geográficas auxiliam ou dificultam esse poder.

REFERÊNCIAS

CLINE, Ray S. **The Power of Nations in the 1990s: A Strategic Assessment**. Washington: University Press of America, 1995.

FRANÇA, Maurício Aparecido. **Para melhor entender a geopolítica brasileira**. 1 ed. Curitiba: Appris, 135p. 2020.

GALVÃO, Iapony Rodrigues. BEZERRIL, Kellia de Oliveira. O povo e seu território: uma discussão sobre a teoria de Friedrich Ratzel. **Revista de Geopolítica**. v. 3, n 2, pp. 230-238, 2012.

KAPLAN, Robert D. **A vingança da Geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

MACKINDER, Halford J. The Geographical Pivot of History. **The Geographical Journal**. v. 23, n. 4, pp. 421-437, 1904.

MAHAN, Alfred T. **The influence of sea power upon history 1660-1783**, Boston: Little, Brown and Company, 1890.

MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da Geografia: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global**. Tradução Maria Luiza de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.